

Parte 1 - Do CachoeiraDoc  
Memórias de uma árvore empassarinhada: formação e  
extensão no CachoeiraDoc

Ana Rosa Marques

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

MARQUES, A. R. Memórias de uma árvore empassarinhada: formação e extensão no CachoeiraDoc. In: CESAR, A., MARQUES, A. R., PIMENTA, F., COSTA, L., eds. *Desaguar em cinema: documentário, memória e ação com o CachoeiraDoc* [online]. Salvador: EDUFBA, 2020, pp. 23-42. ISBN: 978-65-5630-192-1.  
<https://doi.org/10.7476/9786556301921.0002>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

# **Memórias de uma árvore empassarinhada: formação e extensão no CachoeiraDoc**

*Ana Rosa Marques*

Uma das imagens mais emblemáticas do CachoeiraDoc é a foto de uma sessão de cinema em praça pública na qual se destaca uma frondosa árvore. Seus galhos projetam-se na tela e sua sombra acolhe os espectadores. As raízes que a prendem à terra também alteram o nível das pedras que a circundam. Tem algo de árvore no festival. Suas ações, desde que foi criado, fincaram o projeto no Recôncavo. O Recôncavo o nutriu e por ele foi nutrido. O fato de nascer e florescer numa universidade fertilizou o CachoeiraDoc para ser campo de ensino, pesquisa e extensão. Toda árvore que se preze precisa de passarinhos. Os nossos são os estudantes. E é com o foco e a voz deles que contamos uma parte da nossa história, pois com eles contamos para germinar.

Quando iniciamos, em 2010, o cinema mais próximo se situava a 116 quilômetros de distância.<sup>1</sup> O primeiro objetivo era então fazer os filmes aportarem em Cachoeira, expandir a circunscrita rota por onde fluíam e firmar nossa pequena, mas histórica cidade como um lugar em que se celebra o documentário. “O coração do CachoeiraDoc são os filmes”, disse uma vez o cineasta Vincent Carelli, referência de luta e vida para o festival. Ao longo de suas oito edições, foram exibidos cerca de 350 filmes dos mais diferentes autores, estilos, temas e origens. Aqui o cinema de grandes mestres, a exemplo de Agnès Varda, Avi Mograbi, Jia Zhang Ke e Eduardo Coutinho conviveu com as obras de cineastas infelizmente menos conhecidos, mas que persistem produzindo imagens e sons, seja no meio da mata ou nas periferias das cidades brasileiras, como o realizador indígena Alberto Alvares e Lincoln Péricles, nascido no Capão Redondo.

---

1 Até aquele momento a cidade não contava com um cinema. O festival acontecia no auditório do Centro de Artes, Humanidades e Letras (CAHL). Apenas em 2014 foi inaugurado o Cine Theatro Cachoeirano e desde então é onde o evento se realiza.

Foram esses filmes e os debates ensejados por eles que primeiramente conquistaram os estudantes, como Águila Jamile. A jovem conheceu o festival em sua primeira edição quando ainda morava na distante Vitória da Conquista e depois disso resolveu trocar sua cidade natal por Cachoeira e cursar cinema na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB):

O Cachoeiradoc foi responsável pelo meu contato inicial com sessões de cinema documentário e discussões sobre o campo. Lembro de ter sido muito tocada pelos filmes *Corumbiara* (2009) de Vincent Carelli e *Atrás da porta* (2010) de Vladimir Seixas. Um sobre povos indígenas, outro sobre povos sem teto e ocupações de prédios públicos abandonados. Ambos com forte apelo social. (ALVES, 2019, p. 15)

Com o tempo, algumas dessas alunas e alunos transitaram da plateia para a produção, a mobilização, a cobertura escrita ou audiovisual, a programação, o Júri Jovem e as oficinas, fazendo do CachoeiraDoc um espaço de formação que também é formado por estudantes. Desde sua segunda edição, alunos de semestres mais avançados vêm participando da equipe de seleção dos filmes e, progressivamente, da curadoria. Só nas mostras competitivas são mais de quatrocentos filmes inscritos a cada ano. Milhares de imagens e sons vêm de diversos cantos do país, produzidos por pessoas das mais diferentes origens e perspectivas. É, portanto, uma oportunidade de conhecer múltiplas formas de ver, pensar, criar e mostrar.

O processo de visionamento, debate, seleção e programação é exaustivo, porém revelador, exige enxergar o potencial de cada obra, relacioná-la às demais e encontrar para ela um lugar e um papel. Com os filmes e discussões entre a equipe curatorial, aprofundamos nossa capacidade de apreender, compreender e discutir sobre cinema, o mundo e nós mesmos. Flora Braga participou dessa experiência durante três anos como curadora:

Após a difícil escolha, processo que inevitavelmente deixou muitos filmes de grande valor fora do festival, entendi no que na realidade constitui o ato de curar: reunir uma série de filmes de forma que dialoguem e fortaleçam-se entre si em suas potencialidades, daí a importância enorme também da organização dos programas, ação que num espaço de visibilidade e discussão requer tanta sensibilidade quanto consciência com relação ao gesto concreto em que essas escolhas

consistem [...] Compartilhar e debater as ideias expressas nos filmes fez com que eu compreendesse o que pra mim se tornaria a verdadeira razão de estar cursando Cinema, de querer fazer Cinema e finalmente encontrar um pouco o meu papel nesse cenário. (BRAGA, 2017, p. 11)

Se à nossa tela também chegaram filmes consagrados em outros circuitos, feitos por cineastas reconhecidos, com o passar dos anos fomos arriscando desenhar um perfil curatorial próprio, mais próximo das questões urgentes do nosso tempo e atento às novas vozes discursivas. O professor e pesquisador César Guimarães, da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), avalia que o CachoeiraDoc

Coloca pro cinema a necessidade do cinema ser discutido numa relação com a vida social, ultrapassando um certo universo da crítica, da cinefilia, de uma certa maneira da análise fílmica, de como ela é desenvolvida no âmbito das universidades, no âmbito das nossas pesquisas. (BATE-PAPO..., 2017)

Isso faz com que o festival encontre um lugar “muito singular”, diz seu colega da UFMG André Brasil, pois “há uma curadoria que tenta escapar de certos vícios de certas escolhas. Portanto arejada e aberta a novos filmes, novos diretores” (BATE-PAPO..., 2017a). Tal direcionamento exige questionar ou confrontar alguns padrões de valoração já arraigados na academia e no universo da crítica especializada, o que para estudantes como Evandro Freitas revolucionou sua forma de ver e pensar os filmes.

*O CachoeiraDoc deu uma certa guinada quando me mostrou o cinema também como uma relação. Eu fui reeducando o meu olhar, não apenas para o aspecto formal do filme, mas pensando o cinema relacionado com o mundo. Ver filmes ligados às certas urgências do mundo, não que possamos reduzir a experiência que a gente teve na curadoria a categorias, mas foi muito importante encontrar realizadores que não estavam dentro de um circuito já consagrado. Para mim esses filmes representam outra experiência. Talvez porque eles traziam pra gente questões que estamos vivendo, questões tão urgentes da realidade. O CachoeiraDoc foi uma forma de entrar nesse cinema tão contemporâneo. (Informação verbal)<sup>2</sup>*

---

2 Evandro Freitas, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Feira de Santana, 12 de maio de 2019.

Em 2020, cumprindo uma década de festival e um hiato de dois anos sem realização do evento, o CachoeiraDoc ensaia um novo ciclo, incluindo aí a reformulação de sua equipe curatorial, composta sem as coordenadoras, mas ainda por egressos da UFRB e com a assistência de alunos do curso de Cinema.<sup>3</sup> Assim, se o grupo é oxigenado com a participação de pessoas de outras localidades, perspectivas e histórias de vida, mantém-se a curadoria como um espaço de formação, agora diversificado pelos novos colaboradores. O vínculo com um cinema comprometido com o mundo continua e avança a partir de uma convocação aos curadores para “tramar futuros” com o próprio cinema.

No entanto, o convite inicialmente lançado à equipe curatorial bem como o trabalho dos curadores são fortemente impactados pela chegada e disseminação do coronavírus pelo país. Como ver os filmes quando os olhos testemunham a maior pandemia do século? Diante dos imperativos de isolamento e distanciamento social para controlar o vírus e a doença, como programar um festival marcadamente constituído por encontros e presenças? Como pensar um futuro quando o presente está suspenso?

Provocados pelos questionamentos e circunstâncias, os curadores contribuíram para construir não um festival, mas o que chamamos de “Festival Impossível, Curadoria Provisória”, uma experiência com filmes, textos e debates on-line,<sup>4</sup> para pensar/repensar a vida, o cinema e o próprio entendimento da curadoria. O ato de curar, tal como definido por Flora Braga, em 2017, já não dava conta de ser o mesmo no mundo pandêmico de 2020 e ganha novas acepções, como a de cuidar do(s) outro(s) e também de si (com os filmes). Conforme Alex Antônio:

*Na maioria das vezes, esses filmes acabam nos curando mais do que a gente cura eles, eles terminam curando nossas feridas. Trindade<sup>5</sup> me fez refletir como a gente olha para o outro, como a gente cuida do outro quando esse outro está longe de nossa vivência. [...] Nessa curadoria fiquei me debatendo com essas questões de que forma a gente olha o outro e a questão da ética da curadoria. (Informação verbal)<sup>6</sup>*

---

3 A equipe curatorial em 2020 foi composta por Alex Antônio, Evelyn Sacramento, Fábio Rodrigues, Kênia Freitas, Otávio Conceição, Patrícia Mourão, Ramayana Lira e Rayanne Layssa.

4 Os textos e debates estão disponíveis em: <http://www.cachoeiradoc.com.br/festivalimpossivel>.

5 Filme selecionado por Alex Antônio para o Festival Impossível, Curadoria Provisória (direção: Rodrigo Meireles).

6 Alex Antônio, 2020.

Para seu colega Otávio Conceição, apesar do contexto atravessado pelo medo, pela angústia e pela espera, essa ação curatorial lhe trouxe algum otimismo em relação ao futuro ao se deparar com filmes que narram as perspectivas de sujeitos apagados ou estereotipados pelas narrativas hegemônicas “O processo de cura vem do entendimento que somos pessoas finitas e que tudo é mutável: a única verdade que persiste é a mudança”. (CONCEIÇÃO, 2020)

Se esse modo de pensar o cinema engajado no mundo contribuiu para alimentar sensibilidades de estudantes como Alex e Otávio, também foi nutrida por eles. Alex e Otávio fazem parte do cerca de 83% do alunado declaradamente negro/pardo da UFRB,<sup>7</sup> instituição que desde sua origem adota a política de cotas e desenvolve um programa de auxílio à permanência dos estudantes. Daqui saíram cineastas que hoje figuram entre os principais jovens nomes do cinema negro brasileiro, como Larissa Fulana de Tal, Thamires Vieira, Glenda Nicácio e David Aynan.

A representatividade negra, como também feminina, na curadoria e no júri ajudou a apontar questões e firmar posturas que delinearão os contornos estéticos e políticos do festival, destacando-o entre os demais eventos cinematográficos.<sup>8</sup> Para Martins, o aumento de curadores e curadoras negras, por sua vez, pode contribuir para formar um público mais sensível ao cinema negro.

Esses curadores podem ajudar a introduzir filmes de realizadores negros na programação dos festivais sem que seja em sessões voltadas especificamente para a questão de raça. Isso faz com que mais e diferentes pessoas assistam aos filmes e também coloca o cinema negro numa outra posição, atentando mais para suas questões filmicas e não só para o recorte. (MARTINS, 2018)

Assim, diversos realizadores negros têm participado do festival, como Safira Moreira, Yasmin Thainá e Vinícius Silva, com obras que fogem dos clichês das representações da negritude. São presenças que inspiram e encorajam os

---

7 Dados do Perfil dos Estudantes de Graduação publicado em outubro de 2018. Disponível em <https://issuu.com/ufrb/docs/portfolio-ufrb-digital>

8 Conforme estudo realizado pela pesquisadora Cleissa Regina Martins, “O CachoeiraDoc foi o responsável por grande parte da participação de pretos e pardos, tanto na curadoria geral quanto no corpo de jurados oficial”. (MARTINS, 2018)

estudantes a contarem suas histórias de uma maneira muito própria, a exemplo de Erica Sansil. Negra e oriunda do subúrbio carioca, ela se incomodava com a predominância de homens brancos e de classes mais abastadas na condução de narrativas sobre universos que não viviam

Os jovens negros, moradores de favela, baixa escolaridade, que morriam em decorrência da violência, representavam os jovens que viviam à minha volta, eram os meus amigos, primos e conhecidos. Me assustei ao concluir que nossos corpos negros eram apenas objeto de trabalho de cineastas brancos, de classe média. Neste momento, tive a certeza que eu precisava fazer documentário. Que nosso ponto de vista deveria ser apresentado. (SANSIL, 2017, p. 21)

Erica levou para o seu trabalho de conclusão de curso (TCC) um tema que não só conhecia intensamente como admirava: o baile funk. Em *Esperando o sábado* (14 min, 2017), ela aborda a vivência de algumas funkeiras e suas relações com o preconceito. As personagens compartilham seus espaços de trabalho, seus trajetos e suas diversões. O filme combina dispositivos de encenação e fabulação que estimularam os processos de afirmação das subjetividades das personagens.

Caçula de uma mulher que teve que passar muita roupa para criar os seis filhos sozinha, Erica é a primeira de sua família a ingressar numa universidade. Formada, voltou para perto da mãe no Rio. O seu TCC tornou-se o passaporte para começar a sua inserção no mercado. O curta foi finalizado na produtora de Vladimir Seixas, cineasta que conheceu quando participou do Júri Jovem no CachoeiraDoc, em 2016. Do apoio para a edição do filme veio o convite para trabalhar nas realizações da produtora, com a qual colabora até hoje.

Encontros como o de Erica e Vladimir não foram raros no festival. É possível que o ambiente acolhedor do evento e a reduzida dimensão da cidade favoreçam a aproximação entre as pessoas. São trocas que começam na sala de cinema, continuam nos bares e festas e são retomadas nos cursos ou palestras. Os diálogos entabulados no CachoeiraDoc têm se mostrado proveitosos para anfitriões e visitantes.

Todas as exibições de filmes são seguidas de debates entre público e cineastas com a participação de mediadores. Esses momentos oferecem o acesso a informações e reflexões muito importantes para a formação dos estudantes.

Conhecer o trajeto de criação dos filmes permite-lhes adentrar não apenas no pensamento dos realizadores, mas inteirar-se sobre os desafios, indagações, dilemas e lampejos que esculpem a forma final do filme, questões muito importantes do ponto de vista pedagógico, contudo ainda pouco documentadas e analisadas pelos estudos de cinema no Brasil que se concentram muito mais nos procedimentos e efeitos de uma obra acabada do que nos processos criativos. Ao mesmo tempo, a abertura e o incentivo que se dá para a participação da plateia possibilita que os estudantes exercitem publicamente a análise e a crítica cinematográficas.

A qualidade nos debates também está relacionada à própria experiência do corpo docente e discente da UFRB em diversas atividades de exibição e ao investimento na formação de plateia, entre outros fatores. Em sua última edição, o festival recebeu, na mediação dos debates, a contribuição dos estudantes participantes da curadoria e de pesquisadores ou professores de outras universidades, amplificando o intercâmbio com outras instituições. Mesas, palestras e conferências têm se configurado como espaços importantes para a discussão de ideias e apresentação de pesquisas sobre temas fundamentais na arte, cultura e política do documentário. Nessas atividades, os estudantes entram em contato com os autores que só conheciam pelas obras que viam ou liam em sala de aula.

Outra importante atividade pedagógica é a cobertura audiovisual que, com o passar dos anos, começou a ser coordenada por formandos ou formados no curso de Cinema da UFRB. Os jovens se responsabilizam pela produção e difusão de todas as imagens e sons do evento, o que se configura como um intenso laboratório de práticas de pesquisa, roteiro, filmagem e edição. As vinhetas produzidas por eles e pelo professor do curso Danilo Scaldaferrri se tornaram indispensáveis para a divulgação do festival.

Coordenar essa equipe era a única coisa que Laís Lima ainda não tinha feito no evento, quando assumiu a tarefa em 2017. Ela diz que aproveitou tudo o que podia do CachoeiraDoc, foi de lanterninha à curadora e fez todos os cursos, a exemplo do de montagem, ministrado por Marcelo Pedroso. O curso foi fundamental para Laís orientar seus estudos. Ela levou o filme do cineasta pernambucano e o que aprendeu com ele para o seu TCC e aprofundou a reflexão no mestrado realizado na Universidade Federal de São Carlos.

A cada ano o festival convida um especialista de alguma área para ministrar cursos com foco no documentário. Por aqui já passaram, além de Pedroso,



os cineastas Vincent Carelli, Geraldo Sarno, Aly Muritiba, Rafael Urban, Larissa Figueiredo e Ernesto Carvalho; a montadora Cristina Amaral; e os diretores de som Nicolas Hallet e Simone Dourado, entre outros. Com vagas gratuitas, os cursos visam contribuir com a formação continuada de estudantes e profissionais da área e têm atraído pessoas de diversas partes do país.

A imersão afetiva no documentário se inicia na própria graduação em Cinema da UFRB, na qual há pelo menos quatro disciplinas ligadas ao gênero na grade curricular. É na sala de aula que os alunos aprendem a olhar a riqueza da tradição documental e sua constante renovação. Raí Gandra Moreira, que organizou uma mostra de curtas LGBT como projeto de conclusão de curso e participou do festival como membro do Júri Jovem, monitor e realizador, destaca a importância da disciplina em sua formação:

Neste momento foi possível abrir novas janelas para o pensar e fazer fílmico, descobrindo o documentário como um rico e possível campo cinematográfico, através das suas mais plurais expressões, conteúdos e formas. Sobretudo, as correntes contemporâneas do documentário despertaram em mim um desejo e curiosidade pungente, saciada por meio da pesquisa e realização experimental na área. (MOREIRA, 2016, p. 14)

Além de apresentar bibliografia e filmografia documentais, as disciplinas são espaço para o exercício da práxis. Em 2014, o volume de produção documental dos alunos se intensificou, ganhando uma mostra especial no CachoeiraDoc: a mostra Kékó, termo que em iorubá significa “aquele que estuda”. “Consideramos que nossos documentários partilham da urgência de expressão política e subjetiva, são a mensagem e imagem com que seus realizadores ampliam o mundo, compõem a obra, montam a si mesmos”, dizem os curadores da mostra, os então estudantes Evandro Freitas, Luara De e Thiago Logasa (2014, p. 59).<sup>9</sup>

Alguns dos filmes produzidos nas disciplinas circularam em diversos festivais e mostras no país, como *CorpoStyleDanceMachine* (Ulisses Arthur, 7 min,

---

9 A mostra apresentou *Exculturas* (Emerson Santos, 5 min), *Lápis de cor* (Larissa Santos, 13 min), *Não são elogios* (Poliana Costa, 4 min), *No seu giro, corpo leve* (Camila Camila, Letícia Ribeiro e Ohana Sousa, 4 min), o *Fio de Ariadne* (Ary Rosa, 48 min), *Quando Rosa virou azul* (Raí Gandra, 7 min), *Repúblico* (Jefferson Parreira, Keu Andrade e Raquel Vasconcelos, 16 min), *Sem títulos* (Letícia Ribeiro e Ronne Portela, 3 min).

2017). O curta nasceu de um exercício de sala de aula, foi desenvolvido ao longo do curso e aprofundado em um projeto de pesquisa cujas reflexões teóricas contribuíram para seu amadurecimento. Nele somos apresentados a Tikal, um morador de Cachoeira que anda travestido pela cidade e por conta disso é muitas vezes alvo de deboche. Estreado no CachoeiraDoc, o curta foi apresentado e debatido com o público pelo próprio Tikal que, após o sucesso do filme, passou a levar o catálogo do festival a tiracolo, uma espécie de escudo contra as provocações que ainda ouve. Durante muitos meses, Ulisses pesquisou e conversou com seu personagem em busca de uma estética e uma abordagem que fossem fruto dessa convivência e relação. Para o cineasta, a experiência contribuiu não apenas para sua formação técnica e estética, mas política, e que o ajudou a buscar seu lugar no cinema e no mundo.

Assim, a sala de aula é a porta de entrada para um circuito que o CachoeiraDoc integra, articulando atividades de ensino, pesquisa e extensão, e cuja energia permanece nos alunos para além da conclusão da graduação. São mostras e festivais, filmes ou pós-graduações dos egressos do curso que fazem reverberar em seus projetos e atuação na vida os princípios do que aprenderam e viveram na faculdade, a exemplo de Jessé Patrício, que fundou a Mostra de Cinema Contemporâneo do Nordeste,<sup>10</sup> levando na bagagem a experiência adquirida no CachoeiraDoc:

*Depois da terceira edição, em 2012, do qual participei da curadoria, ali eu tinha certeza absoluta que eu tinha que idealizar um festival de cinema. Só me faltava encontrar um norte. (Informação verbal)<sup>11</sup>*

## Extensão: fincar raízes, entrelaçar saberes

Houve alguns dias em que a tela se fez na plateia. Um deles foi na terceira edição do CachoeiraDoc, em 2012. Projetávamos *A Batalha do Passinho*, de Emílio Domingos, longa sobre a história de um estilo de dança que cresceu nas favelas cariocas e a trajetória dos jovens dançarinos. Quando o filme terminou, pareceu

<sup>10</sup> A Mostra de Cinema Contemporâneo do Nordeste acontece em Feira de Santana (Bahia) e é realizada anualmente desde 2018.

<sup>11</sup> Jessé Patrício, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Feira de Santana, 8 de maio de 2019.

não ter acabado, continuou vibrando no corpo do pequeno Alderivo e nos olhos dos demais presentes que contemplavam os movimentos dançantes do menino de Maragogipe recém-chegado em Cachoeira.

*Sempre gostei muito de dançar. O filme teve muita influência sobre mim. Aquela galera que veio da favela, que tem meu modo de falar. Fui depois correndo pro computador pesquisar quem era Cebolinha, os caras do Passinho. (Informação verbal)<sup>12</sup>*

Era a primeira vez que entrava numa sala de cinema, mas não seria a última. Continuou frequentando o festival e outros eventos do CAHL, onde ficam os cursos da UFRB em Cachoeira.<sup>13</sup> Hoje faz parte do Cineclubes Mario Gusmão, além do grupo de dança de *hip-hop* da cidade e sorri quando diz que já se inscreveu no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para o curso de Cinema.

Alderivo cresceu entre as salas e as atividades do CAHL. Aqui chegou porque fez amizades com os estudantes e se sentiu acolhido. Uma história de encontro em claro contraste com as narrativas que caricaturizam as universidades brasileiras como espaços distantes dos interesses e afetos da comunidade. Sobre essas instituições paira o estigma, atualmente alimentado por propósitos políticos de defenestrar a educação superior, do castelo que esconde saberes e serviços indisponíveis e ininteligíveis para fora do mundo acadêmico. Criada em 2005, a UFRB já nasceu com a missão de combater essa imagem, abrindo-se à cultura, à história e aos valores do povo do Recôncavo. Seu perfil extensionista é fortemente cultivado e comprometido em debater e refletir sobre as necessidades e interesses locais, além de afirmar e desenvolver as potencialidades da região a partir de diversos projetos, programas e atividades voltadas para e com a comunidade.

Em 2019 os projetos de cinema correspondiam a 60% das atividades de extensão do CAHL financiadas pelo programa de bolsas da universidade.<sup>14</sup> São grupos de estudos abertos para a comunidade, cineclubes ou filmes realizados colaborativamente. Frequentemente os projetos são desenvolvidos não apenas

---

12 Alderivo Amorim, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Cachoeira, 25 de maio de 2019.

13 A UFRB tem uma estrutura multicampi espalhada nas cidades do Recôncavo: Cruz das Almas, Amargosa, Santo Antônio de Jesus, Santo Amaro e Cachoeira.

14 Dados relativos ao Edital 2019.1 do Programa Institucional de Bolsas de Extensão Universitária (Pibex) que contemplou o projeto de pesquisa e extensão Cineclubes Mário Gusmão, Grupo de Análises e Práticas Fotográficas: Ciclo Grandes Diretores de Fotografia do Brasil e Cine-Griô.

por professores e alunos do curso, como também de outras áreas, a exemplo de sociologia, que usam o cinema como objeto de reflexão ou intervenção.

O CachoeiraDoc é um dos mais duradouros projetos de extensão do CAHL e foi concebido para atrair tanto a comunidade local, quanto a nacional, articulando-as. Além da programação de cinema, aberta e gratuita, ampliada com exposições nos bairros e mostras ou sessões especiais, experimentamos diversas estratégias de atração e aproximação como cursos, shows, festas e apresentações artísticas. Quase todas as aberturas do evento se deram em praças públicas, sob a luz da lua e ao abrigo das árvores, refrescadas pela brisa do rio Paraguassu. Era com filmes, caruru e música que iniciávamos os trabalhos do festival. Conversando, dançando, comendo ou bebendo e especialmente vendo e discutindo os filmes, as pessoas da cidade e visitantes trocavam ideias e experiências.

Considerando as dificuldades de produzir um evento desse porte em uma região que carece de serviços e estrutura, estradas confiáveis, comunicação e transporte de qualidade, houve momentos em que os produtores sentiram-se numa espécie de gincana, como recorda Thamires Vieira, aluna que atuou na função de mobilizadora em algumas edições do festival. Ela também lembra da sessão da *Batalha do Passinho* que se tornou histórica para ela por outros motivos

*Lembro da sessão do filme A Batalha do Passinho onde a mobilização foi feita com os estudantes da rede municipal e neste dia chegariam ônibus de um dos quilombos. Faltava pouco tempo para sessão, quando recebi uma ligação que o ônibus não chegaria, pois havia quebrado no caminho... A comunicação era bem precária naquela região e não conseguia avisar a nenhum responsável do problema. Foi então que convenci outro motorista a fazer a viagem e fui com ele buscar aquelas pessoas [professores e estudantes]. Chegando lá fui recebida com festa, foi incrível... Todos ansiosos para participar e não chegar a sessão nunca foi uma possibilidade para eles... Esse dia, ter mobilizado essa galera que estava comprometida a fazer parte, foi sensacional! (Informação verbal)<sup>15</sup>*

Embora com diversos desafios, hoje observamos uma maior participação dos moradores no evento e isso se deve também a um intenso trabalho para formação de plateia. Clarissa Brandão, egressa do curso e produtora local em 2016

---

<sup>15</sup> Thamires Vieira, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador, 27 de maio de 2019.

e 2017, acredita que as dificuldades de mobilização estão muito relacionadas à ausência de educação para a arte em geral:

*As pessoas estão familiarizadas com um certo repertório e não sabem que outros existem. Por isso às vezes não tem interesse nem em entrar no cinema. (Informação verbal)*<sup>16</sup>

Dessa maneira, atuar junto às escolas é fundamental para contribuir para a criação de uma cultura cinematográfica na região. São mostras ou sessões voltadas para esse público, com um trabalho de mediação especial, além de projetos e cursos para os corpos docente e discente da rede pública. Em 2010, por exemplo, professores do ensino fundamental e médio participaram do curso de metodologia do uso do audiovisual em sala de aula.<sup>17</sup>

Para os estudantes das escolas, o festival promove a cada edição uma oficina de *webdoc* na qual são produzidos pequenos documentários compartilháveis pela internet. A oficina, que inclui uma sensibilização para o audiovisual, orientações técnicas e estéticas do uso de equipamentos e práticas de realização, é ministrada por alunos do curso de Cinema integrantes do Grupo de Estudos e Práticas no Documentário. Um dos ministrantes, Evandro Freitas, relata que ao conversar com a turma para mapear o seu repertório cinematográfico, ouviu que o documentário era um filme “chato” porque “as pessoas só ficam falando, não há interpretação” (FREITAS, 2015, p. 8). Foi dessa resistência inicial que Evandro e seu colega Thiago Logasa encontraram os caminhos para espantar o “cheiro de tédio e poeira” muitas vezes associado ao documentário e seguirem com a atividade, não só tentando trazer outras referências de filmes, mas partindo da própria realidade dos alunos para pensar e produzir obras que apresentassem temas e modos de fazer mais próximos de seus interesses ou preocupações. Disso nasceu *Webfaixa*, curta que aborda e intervém no trânsito de Cachoeira, considerado pelos estudantes como um dos principais problemas da cidade.<sup>18</sup>

Concebidos e produzidos coletivamente, os curtas são exibidos na programação do festival. Para os estudantes das escolas, é o momento de criarem suas

---

<sup>16</sup> Clarissa Brandão, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/São Félix, 29 de maio de 2019.

<sup>17</sup> Ministrado pela parceria com a Oi Kabum Escola de Arte e Tecnologia.

<sup>18</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/106638431>.

próprias histórias, verem seus discursos projetados na tela e serem reconhecidos como produtores de arte e cultura em companhia de seus familiares, amigos e vizinhos. Para a universidade, é uma via de estreitar relações com a comunidade, aprender e valorizar outros saberes. E para os estudantes de Cinema, um exercício pedagógico que desafia seu conhecimento pré-constituído na área e os impulsiona a pesquisar e testar metodologias de ensino e aprendizagem.

Não é à toa que muitos dos alunos que ministraram as oficinas hoje atuam em atividades artísticas e pedagógicas para a comunidade. Da experiência com o CachoeiraDoc levam o método de aprender e fazer junto, de se abrir aos saberes e questões do outro. Thiago Logasa, hoje técnico audiovisual na Universidade Federal do Oeste da Bahia acredita que

*Esta experiência foi incrível do ponto de vista da formação, pois, a partir dela eu pude compreender e desenvolver um método de trabalhar a linguagem audiovisual em pouco tempo com resultados práticos significativos. E isso acabou se desdobrando em muitas outras oficinas que ministrei posteriormente para diversos grupos e comunidades, desde turmas com adolescentes com idade máxima de 16 anos até turmas apenas com professores universitários com mestrado e doutorado.*  
(Informação verbal)<sup>19</sup>

Parceiro de Thiago em diversos trabalhos durante a graduação, Evandro também seguiu ligado à universidade. Nos projetos de extensão da UFRB dos quais participa como técnico, ele experimenta com diversas grupos formas de criação coletiva através do audiovisual. Das mulheres quilombolas do Iguape aos jovens do Acupe e Saubara, passando pelos homens do Movimento Sem Terra, Evandro vive de perto a questão da alteridade:

*Esses projetos mostram que também podemos compartilhar sensibilidades, esse momento de encontro que a câmera possibilita mobiliza outras formas de si.*  
(Informação verbal)<sup>20</sup>

---

19 Thiago Logasa, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Santa Maria da Vitória, 15 de maio de 2019.

20 Evandro Freitas, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Feira de Santana, 12 de maio de 2019.

Diego Jesus, um dos primeiros oficinairos de *webdoc*, atualmente é doutorando da University of Texas. Antes disso coordenou um projeto em formação audiovisual com moradores da favela da Maré, no Rio de Janeiro.<sup>21</sup> Ele atribui seu papel no projeto à preparação que teve no CachoeiraDoc nas mais diversas funções.

*A ECOM – Escola de Cinema Olhares da Maré, desenvolvida desde 2014 pela ONG Redes da Maré, não seria possível se na minha trajetória não houvesse a intervenção do CachoeiraDoc com o exercício de afirmação do cinema como um dispositivo de intervenção política no mundo: o ressoar da ‘voz das margens’, dos grupos marginalizados, dos ‘filhos’ da redemocratização do país, como eu, então em evidência, e, finalmente, autores e replicadores de discursos até então invisibilizados pela História.* (Informação verbal)<sup>22</sup>

Alguns anos antes, Diego já havia experimentado o cinema como um instrumento de afirmação de grupos marginalizados ou invisibilizados. Em 2010, participou de um projeto da UFRB no Iguape, zona rural de Cachoeira, organizado pelas mesmas coordenadoras do CachoeiraDoc, que visava o desenvolvimento de documentários de autorrepresentação.<sup>23</sup>

Quase uma década depois, ele encontrou por acaso Jeff, um dos adolescentes com quem trabalhou no projeto. O jovem agora estuda na Universidade Federal da Bahia, em Salvador, e estava se preparando para uma caravana de estudantes que ia à Brasília em defesa dos direitos quilombolas e indígenas ameaçados pelos cortes do governo. Aos olhos de Diego, aquele filho do Iguape parecia um espelho. Assim como ele, acredita na universidade para a realização de sonhos e iria engrossar a luta contra os que querem impedir a consolidação desse direito:

*Eles [os golpistas] pensam que nos venceram. Estão, na verdade, mais encrencados do que nunca.* (Informação verbal)<sup>24</sup>

---

21 Em 2019/2020, Diego também foi o primeiro egresso a ocupar a função de professor substituto no curso de Cinema da UFRB.

22 Diego Jesus, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Rio de Janeiro, 22 de maio de 2019.

23 O projeto de extensão “Registros da história e da memória familiar das comunidades tradicionais do Recôncavo da Bahia” foi premiado pelo edital do Programa de Extensão Universitária (Proext), do Ministério da Educação (MEC), e tinha uma equipe multidisciplinar coordenada pelas professoras de Cinema Amaranta Cesar e Ana Rosa Marques e pela professora do curso de História Isabel Reis. O projeto teve por objetivo documentar o patrimônio cultural das comunidades negras tradicionais do Vale do Iguape, fomentando a produção de autorrepresentações, através do cinema e audiovisual.

24 Diego Jesus, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Rio de Janeiro, 22 de maio de 2019.

Para além do momento do festival, durante o ano desenvolvemos outros projetos extensionistas para estimular e difundir o gosto, a percepção, a reflexão sobre o cinema e incentivar a sua prática. Buscamos atuar, especialmente nas escolas, de modo a pensar e experimentar ações a fim de contribuir para a formação de espectadores mais ativos e fomentar uma educação preocupada com a expressão audiovisual voltada para o desenvolvimento artístico, afetivo e intelectual dos estudantes. Para a professora da UFRB e pesquisadora de cinema e educação Ana Paula Nunes, no Brasil

A parceria entre cinema e educação nunca esteve tão em alta como atualmente, em que há uma grande reconfiguração do tripé produção, distribuição e exibição no campo cinematográfico, cada vez mais legitimando processos colaborativos, e favorecendo os deslocamentos entre quadro-tela do cinema/vídeo e o quadro negro da sala de aula. (NUNES, 2012, p. 883)

Hoje o aluno criado num ambiente formado pela TV, cinema, videogames, internet etc. já chega na escola familiarizado com o universo audiovisual. Daí a importância de se aproximar e dialogar de maneira criativa e qualificada com essa nova realidade, conforme apontam teóricos como Barbero (2001) sobre a necessidade do “ensinar a ver” diante do turbilhão de imagens e sons que fazem parte do cotidiano.

Nossos estudantes foram pesquisando e experimentando estratégias, sem pretender apresentar fórmulas prontas, para demonstrar o potencial mobilizador das imagens e sons, tanto para os professores quanto para os alunos das escolas. Para Thiago, que foi bolsista de um desses projetos,<sup>25</sup> ao lado de Cirlla Machado como voluntária, a saída foi buscar associar as atividades de audiovisual aos conteúdos das disciplinas de história e geografia e assim criar um compromisso dos responsáveis por elas. Juntos debateram filmes e produziram um curta.

Já no projeto desenvolvido por Fábio Rodrigues,<sup>26</sup> os professores se esquivaram de participar. Ao seu ver, isso terminou favorecendo uma entrega maior

---

25 Coordenado pela professora Ana Rosa Marques, o projeto chamava-se: Formação audiovisual de comunidades escolares do Recôncavo Baiano (2014).

26 Coordenado pela professora Amaranta Cesar, o projeto chamava-se: Documentário nas escolas: formação em leitura e montagem de imagens da realidade sócio-política brasileira nas comunidades escolares de Cachoeira e São Félix (2016).



dos alunos em relação às atividades, por estas terem como tema a sexualidade, algo que descobriu ser um tabu na escola, mas muito urgente na vida daqueles jovens. No auditório da escola, ele exibiu curtas-metragens para disparar uma experiência que desembocasse na criação conjunta de algum objeto, como fotos, sons, desenhos.

*Os filmes eram a possibilidade de vazão de alguma coisa que a sala de aula prendia. Era inevitável que as experiências individuais dolorosas aparecessem [...]. Eu chegava em casa exausto, não era só o cinema, era pensar como lidar com o outro, com aquilo que os filmes convocavam. (Informação verbal)<sup>27</sup>*

O que mais surpreende na análise dos relatórios desses projetos é a disposição dos estudantes da UFRB, apesar das adversidades enfrentadas, especialmente no que tange à falta de recursos da própria universidade e ao sucateamento das escolas. Sendo assim, eles tinham que se deslocar a pé, carregando equipamentos e materiais e lá encontravam espaços sem estrutura física e humana para apoiar a atividade.

Visando fomentar a concepção e desenvolvimento de mais ações de extensão, em 2017 o CachoeiraDoc lançou um edital, com recursos próprios, para seleção de projetos de sensibilização e formação de público para o festival. Um dos desafios era a articulação com as diversas instituições, pessoas ou espaços que já desenvolvessem atividades na área artística, social ou educacional na região.

Aberto a propostas de alunos, professores e técnicos do CAHL, o resultado comprovou que o gérmen do interesse extensionista já havia se disseminado entre os estudantes: a maior parte dos projetos inscritos era de autoria deles. Muitos tinham caráter transdisciplinar, a exemplo de uma das propostas executadas, o projeto Formador Social, que reuniu alunos de Cinema e Serviço Social para, através do audiovisual, pensar as questões vividas por mulheres em situação de vulnerabilidade social.<sup>28</sup>

No projeto Cinema e Vizinhança, três estudantes incorporam uma jovem enfermeira à equipe e juntos percorrem as ruas de Cachoeira e São Félix, entrando

---

27 Fábio Rodrigues, entrevista concedida a Ana Rosa Marques, Salvador/Belo Horizonte, 4 de maio de 2019.

28 O projeto foi realizado pelos estudantes do CAHL Erick Lawrence, Gleice Daiana Cruz do Amor Divino Rocha, Maria Clara Arbex e Mariana Brandão Gonçalves Pereira.

em lanchonete, casa ou terreiro para experimentar, ver e falar de cinema com os donos dos espaços.<sup>29</sup> São os filmes e o bate-papo acompanhado por alguns petiscos após a exibição que transformam esses jovens “forasteiros” em vizinhos. Outra mudança ocorre nesse encontro também. Não são mais as pessoas que vão ao cinema para assistir a um filme que esteja disponível no horário determinado. No interior de sua casa, elas escolhem qual o filme querem ver no acervo dos estudantes e definem o horário e o lugar para instalar o projetor. Estudantes e donos ou donas da casa costuram juntos uma tela, crianças interagem com o filme, dançando, e é com esse espírito de liberdade que dona Edinéia, uma das anfitriãs do projeto, explicou melhor do que ninguém o que é classificação indicativa no cinema. Entre a universidade e a comunidade as relações de poder e de saber são tensionadas e redesenhadas. Para Olívia Barcellos, idealizadora do projeto

Consideramos que um espectador da comunidade local na condição de anfitrião – que é em primeira instância sua condição neste contexto – pode receber a atividade cultural trazida pela comunidade universitária desde um lugar de sua pertença e não como um visitante, um estrangeiro em sua própria terra. De modo que encontrando seu pertencimento em relação àquela atividade, poderá lidar com as ideias de representação dessa prática com maior autonomia e, consequentemente trazer uma contribuição mais relevante para a integração cultural pretendida (BARCELLOS, 2017).

Mais do que proporcionar uma interação social, a extensão universitária vai se complexificando com as potencialidades desse encontro. Comunidade acadêmica e comunidade local convivem e trocam experiências e conhecimento. Como relembra Fábio Rodrigues: o menino, que nunca tinha visto uma câmera profissional na vida, aprende a contar suas histórias em filmes. A dona de casa, que antes não acreditava que o cinema era um lugar para ela, debate os filmes com o entusiasmo típico de novas descobertas.

Professores e estudantes aprendem outros saberes ao se integrarem com essas pessoas que também sabem ensinar sobre o mundo e a vida, e que há muitas gerações já dominavam ciências tão sofisticadas como a musicalidade do samba

---

29 O projeto foi proposto pela estudante Olívia Barcellos e executado pela enfermeira Fernanda Nascimento e pelos estudantes do CAHL Fábio Rodrigues, Michel Santos e Alex Antônio.

de roda, a cura das plantas, o sabor da culinária e o poder da espiritualidade do Recôncavo. E assim aprendemos para ensinar aos nossos camaradas.

## Referências

- ALVES, Áquila Jamille Araújo. *Pouso autorizado*. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2019.
- BARBERO, Jesús Martín; REY, Germán. *Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Editora Senac SP, 2001. 184 p.
- BARCELLOS, Olívia. *Projeto cinema em vizinhança*. Cachoeira: [s. n.], 2017.
- BATE-PAPO César Guimarães. . [S. l.: s. n.], 2017b. 1 vídeo (5 min). Publicado pelo canal Cachoeira Doc. Disponível em: [https://youtu.be/uNEc4b\\_CTWo](https://youtu.be/uNEc4b_CTWo). Acesso em: 21 set. 2020.
- BATE-PAPO com André Brasil. [S. l.: s. n.], 2017a. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Cachoeira Doc. Disponível em: <https://youtu.be/QtV-L8xCsDQ>. Acesso em: 21 set. 2020.
- BOSS, Sérgio Luiz Bragatto (org.). *Extensão universitária na UFRB*. Cruz das Almas:UFRB, 2018.
- BRAGA, Flora. *Se a tia deixasse*. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.
- CONCEIÇÃO, Otávio. Participação na conversa on line com curadores, realizada em 31/05/2020. Disponível em <http://www.cachoeiradoc.com.br/festivalimpossivel/>
- FREITAS, Evandro. *O corpo e a mise-en-scène em A vizinhança do tigre*. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2015.
- FREITAS, Evandro; DE, Luara; LOGASA, Thiago. Mostra Kékó: cinema e vida em curso. *In: CACHOEIRADOC: V Festival de documentários de Cachoeira*. Cachoeira: [s. n.], 2014. p. 59.

MARTINS, Cleissa. [Entrevista cedida a] Juliana Domingos de Lima. Os números de raça e gênero entre curadores e jurados no cinema brasileiro. *Nexo*, São Paulo, 10 jun. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3kGujK2>. Acesso em: 1 maio 2019.

MOREIRA, Raí Gandra. *Mostra de curtas LGBT: curadoria e análise: a presença e representação da personagem LGBT no cinema*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2016.

NUNES, Ana Paula. Educação do olhar: comunicação e expressão artística. In: VALENTE, António Costa; CAPUCHO, Rita (org.). *Avanca-Cinema 2012: Conferência Internacional Cinema: arte, tecnologia, comunicação*. Avanca: Edições Cine-Clube de Avanca, 2012. v. 1, p. 881-887.

SANSIL, Erica. *Esperando o sábado*. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Cinema e Audiovisual) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017.